

A painting of a woman with long, flowing red hair, wearing a dark blue dress with red accents at the cuffs and hem. She is shown in profile, looking out over a turbulent sea with white-capped waves. The sky is filled with dramatic, swirling clouds in shades of green, yellow, and brown. The overall style is expressive and somewhat somber.

# A ILHA ENCANTADA

Hélia Correia

Versão para Jovens de **A Tempestade**  
de William Shakespeare

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 21 8474450  
fax: 21 8470775  
www.relogiodagua.pt  
relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: A Ilha Encantada — Versão para jovens de *A Tempestade*  
de William Shakespeare

Autora: Hélia Correia

Título original: *The Tempest* (c. 1611)

Capa: Carlos César sobre pormenor de

*Miranda* — *The Tempest* (1916), de John William Waterhouse

Revisão de texto: Michelle Nobre Dias

© Relógio D'Água Editores, Junho de 2008

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Guide, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º 274901/08

Hélia Correia

# A Ilha Encantada

Versão para jovens de *A Tempestade*  
de William Shakespeare

Universos Mágicos

# A Ilha Encantada

Versão para jovens de *A Tempestade*  
de William Shakespeare

## Personagens

ALONSO — Rei de Nápoles

SEBASTIAN — Irmão de Alonso

PRÓSPERO — Legítimo Duque de Milão

ANTÓNIO — Irmão de Próspero que usurpou o ducado  
de Milão

FERDINAND — Filho do rei de Nápoles

GONZALO — Velho conselheiro honesto

ADRIAN e FRANCISCO — Nobres

CALIBAN — Um escravo selvagem e disforme

TRINCULO — Bobo

STEPHANO — Mordomo bêbedo

CAPITÃO DO BARCO

CONTRAMESTRE

MARINHEIROS

MIRANDA — Filha de Próspero

ARIEL — Espírito do ar

ÍRIS, CERES, JUNO, NINFAS e CEIFEIROS — Representados  
por espíritos

OUTROS ESPÍRITOS QUE SERVEM PRÓSPERO

## Cenário

*A bordo de um navio no mar; depois numa ilha desabitada.*

1.1

*Ouve-se um barulho de tempestade com raios e trovões; entram um Capitão e um Contramestre.*

CAPITÃO: — Ó Contramestre!

CONTRAMESTRE: — Estou aqui, capitão. Que tal vai isso?

CAPITÃO: — Bem, trata de falar aos marinheiros. Eles que metam depressa mãos à obra quando não, encalhamos. Vai, despacha-te!

*Sai.*

*Entram os Marinheiros.*

CONTRAMESTRE: — Coragem, meus valentes! Força, força! Rápido! Aviem-se! Desçam a vela. Tomem atenção ao capitão! (*Para a tempestade*) Sopra para aí a tua ventania até te rebentarem as bochechas, se é que a gente não vai encalhar antes!

*Entram Alonso, Sebastian, António, Ferdinand, Gonzalo e outros.*

ALONSO: — Ai, meu bom Contramestre, faz tudo o que puderes. Onde é que está o capitão? Portem-se como homens!

CONTRAMESTRE: — Façam favor, deixam-se ficar aí em baixo!

ANTÓNIO: — Onde é que está o capitão, ó Contramestre?

CONTRAMESTRE: — Então não o ouvem? Ai, que assim só estão a atrapalhar. Vão mas é para as vossas cabinas. Aqui estão é a ajudar a tempestade!

GONZALO: — Ó patrão, não perca a paciência!

CONTRAMESTRE: — Não perco quando o mar não a perde também! Ora aí têm! O que é que importa a estas ondas altíssimas que vocês falem em

nome do rei? Para as cabinas, já! Calados! Não nos compliquem a vida!

GONZALO: — Bom, está bem, mas não te esqueças de quem levas no barco.

CONTRAMESTRE: — Não é ninguém de quem goste mais do que de mim próprio. Olhe, vossemecê é um conselheiro; se conseguir obrigar o vento e a água a sossegarem e fazer com que tudo volte à tranquilidade, a gente não mexe nem mais uma palha. Vamos, toca a impor a sua autoridade! Mas se não é capaz, dê graças a Deus por ter vivido até hoje e vá para a sua cabina preparar-se para o caso de acontecer uma desgraça. Vá, força, meus valentes! Saiam do caminho, já disse! (*Sai*)<sup>1</sup>

GONZALO: — Este homem dá-me bastante segurança. Não tem ar de quem há-de morrer afogado. (*Saem*)

*Entra o Contramestre.*

CONTRAMESTRE: — Baixem o mastaréu! Depressa! Mais para baixo! (*Entram Sebastian, António e Gonzalo*) Outra vez? O que é que vêm aqui fazer? Vamos cruzar os braços e afogar-nos? Estão na disposição de irem pelo mar abaixo?

SEBASTIAN: — Que te dê já aqui uma doença má, ó cão sem sentimentos!

CONTRAMESTRE: — Olhem, então trabalhem vocês!

ANTÓNIO: — Refilão insolente! Tens mais medo de te afogares do que nós!

CONTRAMESTRE: — Aguentem-na, aguentem-na com o vento de lado! Desfraldem as velas outra vez! Vamos fazer-nos ao largo!

*Entram os Marinheiros, encharcados.*

MARINHEIROS: — Está tudo perdido! Só nos resta rezar! Tudo perdido!

CONTRAMESTRE: — O quê, não há salvação?

GONZALO: — O rei e o príncipe estão a rezar. Vamos juntar-nos a eles porque o que eles têm a pedir também nós temos.

SEBASTIAN: — Estou pior que estragado!

ANTÓNIO: — Ficamos todos sem as nossas vidas por causa de uns bebedolas! Fala-barato!

GONZALO (*ouve-se um barulho confuso no interior*): — Piedade! Está tudo a partir-se aos bocados! Adeus, querida esposa e filhos queridos! Adeus, irmão! Vamos ao fundo!

ANTÓNIO: — Afundemo-nos juntamente com o Rei.

SEBASTIAN: — Vamos despedir-nos dele. (*Sai com António*)

GONZALO: — Ai, num momento como este é que eu trocava uma extensão imensa de mar por um pedacinho de terra que pouco desse — urze, tojo, qualquer coisa me servia. Com certeza o destino já está traçado, mas que alegria eu tinha se morresse em seco. (*Sai*)

## 1.2

*Entram Próspero e Miranda.*

MIRANDA: —

Se por tua magia, querido pai,  
Puseste as águas neste estado, pára-as.  
O céu, parece, verteria breu  
Malcheiroso, se o mar, subindo às nuvens,  
Não apagasse os raios. Ai, sofri  
Pelos que vi sofrer. A bela nau  
(Que transporta sem dúvida algum nobre)  
Feita em pedaços! Oh, como embateu  
Contra o meu coração um tal clamor!  
Pobre gente, morreu! Fosse eu um deus  
Com poder e o mar soterraria  
Antes que ele pudesse o bom navio  
E a sua carga de almas engolir.

PRÓSPERO: —

Acalma-te. Não temas. Diz ao teu  
Coração compassivo que nenhum  
Mal sucedeu.

MIRANDA: —

Que dia horrível!

PRÓSPERO: —

Nada!

Tudo o que eu fiz, por ti o fiz, querida  
Que a teu respeito tudo ignoras, nem  
Sabes de onde vim, nem que sou mais  
Do que Próspero, o dono de uma pobre  
Cabana, e um pai modesto.

MIRANDA: —

Saber mais

Não foi nunca uma ideia que eu tivesse.

PRÓSPERO: —

É tempo de informar-te. Vem, ajuda-me  
A despir o meu traje de magia.

*(Para os trajes, no chão)*

Descansa, pois, aí, ó minha arte.

*(Para Miranda)*

Enxuga os olhos, fica sossegada;

O naufrágio que tanto te tocou

Fui eu que o planeei e nenhum mal

Aconteceu à gente do navio.  
Senta-te. Eu tenho que dizer-te mais.

MIRANDA: —

Muita vez a contar-me começaste  
Para às minhas perguntas te deteres,  
Rematando: «Ainda não».

PRÓSPERO: —

Chegou a altura.

Presta bem atenção. Podes lembrar-te  
Daquele tempo anterior à nossa vinda  
Para esta cabana? Acho que não.  
Nem três anos fizeras.

MIRANDA: —

Posso, sim.

PRÓSPERO: —

E lembras-te de quê? De casa ou gente?  
Que guardas na memória?

MIRANDA: —

Está tão longe

Que mais parece um sonho. Eu não dispunha  
De umas cinco mulheres para me servirem?

PRÓSPERO: —

E até mais, Miranda. Mas como é  
Que isso ainda está vivo em tua mente?

## Notas para encenação

- <sup>1</sup> Provavelmente, alguns, se não todos, os marinheiros saem com ele para voltarem mais à frente.
- <sup>2</sup> É uma espécie de dança rural que se imitava nos saraus do palácio, semelhante ao baile mandado: dão as mãos, beijam, quando o texto manda.
- <sup>3</sup> Há aqui referência a um conto de Chaucer.
- <sup>4</sup> Vara mágica.
- <sup>5</sup> Pode ser substituído por Gonzalo se for conveniente para o elenco.
- <sup>6</sup> Fiz muitos cortes nesta cena. Fica só um pouco do diálogo que basta, creio eu, para marcar a truculência. Acho que Gonzalo pode expressar a sua irritação com a troça dos outros que a podem também reforçar – por gestos.
- <sup>7</sup> Na verdade é Francisco, mas pode substituir-se. Ver nota 5.
- <sup>8</sup> Estendendo-se no chão, fica coberto com o seu capote.
- <sup>9</sup> As duas criaturas estão a tremer sob o capote.
- <sup>10</sup> Aplauda o grande gole de Caliban.
- <sup>11</sup> Todas estas «juras» correspondem a actos de beber pela garrafa que é «a Bíblia beijada» dos juramentos.

- 12 Esqueceu-se de trabalhar enquanto esteve a falar de Miranda. Já está a trabalhar quando Miranda o vê.
- 13 A reconverter, conforme as conveniências do elenco.
- 14 Na galeria do teatro isabelino, onde os músicos tocam.
- 15 Pavão é a ave de Juno. Ela deslocava-se num carro puxado por pavões.
- 16 Trata-o aqui por você como se faz às vezes com filhos ou amigos, para ralhar e animar.
- 17 Segundo os estudiosos do texto, o nome dos cães não tem significado especial. Podem ser substituídos, conquanto mantenham o mesmo número de sílabas. Na edição francesa de Yves Bonnefoy, traduziu-se Mountain por Gigante e Silver por Mercúrio.
- 18 Sebastião.
- 19 Comenta o modo como o chapéu lhe assenta.
- 20 Condensei aqui a cena porque é muito longa; parece-me que o único problema é que Próspero abraça o rei enquanto ainda fala com os outros; o rei comenta o abraço um pouco depois. Mas pode talvez entretanto ficar pensativo.
- 21 A minha edição refere que pode ser dito com reverência ou com sarcasmo, dependendo do estado que o encenador atribua à personagem nesta fase.
- 22 Quer dizer «Um por todos e todos por um» mas está embriagado.
- 23 Os olhos.
- 24 Caliban nunca deve ter visto Próspero com os trajes ducais.
- 25 Há, entre os estudiosos, a interpretação de que ele se dirige à audiência, neste caso, meninos; e, acabando assim, pode até sugerir algo como qualquer prolongamento do espectáculo de magia à saída.